



**UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ROSANA ALVES SOARES DE SOUZA

**MOVIMENTO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS – MAC: INFÂNCIA DE
PARTICIPAÇÃO NAS RUAS E PRAÇAS DO MORRO DA CONCEIÇÃO
RECIFE/PE – 68/78.**

Recife, 2019



**UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ROSANA ALVES SOARES DE SOUZA

**MOVIMENTO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS – MAC: INFÂNCIA DE
PARTICIPAÇÃO NAS RUAS E PRAÇAS DO MORRO DA CONCEIÇÃO
RECIFE/PE – 68/78.**

Recife, 2019

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MOVIMENTO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS – MAC: INFÂNCIA DE PARTICIPAÇÃO, NAS RUAS E PRAÇAS DO MORRO DA CONCEIÇÃO.

RECIFE/PE – 68/78.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para a obtenção de título de Licenciado em História.

Orientador: Profº Pós Dr. HUMBERTO MIRANDA.

Recife, 2019

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha família que já cumpriu sua missão na terra, meus pais: Inês Alves Soares e Severino Ramos Soares (in memorian) e meus irmãos: Ricardo Alves Soares e Cláudio Alves Soares (in memorian). A duas mulheres importantíssimas para a minha vida pessoal e de estudante: minha filha, Aimée Soares de Souza e minha irmã, Joelma Alves Soares Agrelli, a meu cunhado Angelo Agrelli, aos sobrinhos(as): Thyago, Íthalo, Aline, Ingrid, Nathalya, Mariana, Emily, Jonhata, demais integrantes da família e à amiga Fátima Soares que me estimulou a fazer o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

Dedico principalmente a todas as crianças do meu País que tem direito a uma vida digna e feliz, com tudo que precisam para brincar, estudar e viver com conforto e segurança.

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo ao Deus que aprendi a amar e respeitar, através dos ensinamentos do Padre Reginaldo Veloso. Uma divindade que se pôs à serviço dos que sofrem e precisam ser erguidos, ressuscitados, estimulados e, principalmente, amados.

Expresso a minha eterna gratidão ao grande Professor Humberto Miranda que com, respeito, paciência, humildade e solidariedade me orientou neste TCC.

Sempre morei no Morro da Conceição, filha de pais que migraram dos interiores de Pernambuco e da Paraíba, fugindo das adversidades da vida. Minha mãe era semi-alfabetizada, meu pai aprendeu a ler e escrever sem quase ou nunca frequentar uma sala de aula. Eles se esforçaram para que todos os filhos estudarem e nós frequentamos escolas públicas, dividindo os mesmos materiais escolares e, em alguns momentos, os mesmos vestuários. Quando concluí o segundo-grau, para meus pais consideravam que era o suficiente, não precisava mais estudar, já poderia trabalhar. Eles até tentaram pagar as despesas para eu frequentar uma Faculdade para a qual havia sido selecionada mas não tiveram como dar conta. O ensino precisava ser totalmente gratuito porque o dinheiro mal dava área comermos e nos vestirmos. Nesse contexto, comecei a trabalhar e só consegui acessar outro espaço acadêmico superior, aos 52 anos. Em 2014 iniciei o Curso de Licenciatura em História na UFRPE. Dos 25 aos 52 participei das lutas por um País que oferecesse condições de acesso ao ensino superior para pessoas que, como eu, fossem oriundas do ensino público e de baixa renda, principalmente as pessoas negras. Somente com essa idade eu consegui usufruir das conquistas desse novo Brasil. Pelo exposto, acredito na luta do povo por uma sociedade mais justa e igualitária, na qual a escolha dos governantes seja criteriosa e comprometida em escolher governos como o de Luiz Inácio Lula da Silva, que entre outras iniciativas, priorizou a inclusão de pobres e negros(as) nas Universidades públicas.

Gratidão especial a amigos(as) do Morro da Conceição tais como: Jairo Gomes, Maria José da Silva, Paulo Fernandes Lopes (in memorian), Aldécio, Marluce Santiago (In memorian), Mauricéa Santiago, Helena Lopes, Luiza, Luiz Carlos Lopes, Rose Mary Pinto, Marise Albino, Amaro, Zalva, Ione Agrelli, Ivone Agrelli, Dona Severina e Sr Braz Agrelli (in memorian) , Onildo Romão (in memorian), José amâncio – Jojo (in memorian), entre muitos outros(as) pessoas queridas, com os(as) quais aprendi o significado da palavra comunidade e a acreditar na força do povo oprimido para mudar

as adversidades da vida de exclusão e sofrimento, na luta por conquista de direitos, através da solidariedade, fraternidade, igualdade e democracia.

Quero reconhecer o apoio de pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para minha trajetória de vida pessoal e política, que influenciou nessa graduação, tais como: meu querido amigo e Professor Jairo Britto que foi importantíssimo para conclusão desse curso, João Paulo, João da Costa, Alexandre Merrem, Pedro Eurico, Tadeu Souza, Dona Odete (in memoriam), Marta Moreira, entre outros(as).

Uma referência especial às pessoas que convivi durante os cinco anos do Curso de Licenciatura em História. Amigos(as) que conquistei nessa caminhada. Nossa turma foi especial porque com muita união e solidariedade conseguimos superar os desafios da caminhada. Agradeço especialmente aos que estiveram mais próximos no cotidiano, tais como: Kamila Pereira, Igor Barreto, Nataly Spyndola, Flávio Mandu, Édipo, Jessé, Felipe Cruz, Nairan, Janaína, Pâmela, Jailson e às demais amizades da sala.

Reservo à Universidade Federal Rural de Pernambuco o meu agradecimento pelo acolhimento. Aprendemos a valorizar esse estabelecimento de ensino por seu compromisso com educação de qualidade, respeito às pessoa e ao meio ambiente e pelo LAHIN (Laboratório de História da Infância) que nos apoia em nossas pesquisas.

Em especial quero agradecer aos nossos professores, mestres, doutores, amigos(as), militantes da educação pública de qualidade, solidários, qualificados profissionalmente. Quero declarar o prazer de ter participado de algumas aulas que são históricas como as aulas com o Professor e amigo Luiz Miguel (in memoriam) que nos ajudavam a enfrentar os desafios de permanecer no curso, as aulas surpreendentes da Professora Lúcia Falcão, as aulas artísticas e literárias da Professora Rozélia e os importantes conselhos para conclusão do TCC, as aulas do professor Wellington Barbosa que nos avaliava através de Peças Teatrais, as memoráveis aulas sobre Direitos Humanos e infância, do defensor da infância, Professor Humberto Miranda, as aulas de Filosofia do fantástico professor Ronaldo (in memoriam), das memoráveis aulas da professora Giselda Brito, Jeannie Menezes, Marcília Gama, Fabiana Bruce, Alcileide Cabral, Suely Almeida, Elcia Bandeira, Bruno Miranda, Ana Vasconcelos, Victor Hugo, Lucas Victor, Juliana Andrade. Enfim, a todos e todas que investiram na nossa formação com empenho e carinho.

**MOVIMENTO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS – MAC: INFÂNCIA DE
PARTICIPAÇÃO NAS RUAS E PRAÇAS DO MORRO DA CONCEIÇÃO.
RECIFE (PE) – 68/78.**

INTRODUÇÃO

O Artigo sobre o Movimento de Adolescente se Crianças - MAC resulta do Curso de Licenciatura em História do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, iniciado nos segundo semestre de 2014, prédio do CEGOE, horário noturno.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso atende às normas de publicação da Revista Bilros: História, Sociedade (s) e Culturas é a Revista Eletrônica dos discentes de Graduação e do Mestrado de História da Universidade Estadual do Ceará – UECE, Campos do Itaperi – Fortaleza/CE, trabalha a temática de História da Infância e resulta da pesquisa sobre o Movimento de Adolescentes e Crianças – MAC: Infância de Participação nas Ruas e Praças do Morro da Conceição. Recife(PE) – 68/78.

O Artigo apresenta a experiência do Movimento de Adolescentes e Crianças – MAC, desde sua fundação no Brasil, em 1968 até 1978 e foca na experiência do Morro da Conceição, Recife/PE.

MOVIMENTO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS – MAC: INFÂNCIA DE PARTICIPAÇÃO NAS RUAS E PRAÇAS DO MORRO DA CONCEIÇÃO. RECIFE (PE) – 68/78.

Rosana Alves Soares de Souza¹

RESUMO

O presente Artigo é produto de uma pesquisa sobre o Movimento de Adolescentes e Crianças – MAC, compreendendo o contexto religioso, social e político no qual surgiu, metodologia utilizada para desenvolver o trabalho com crianças e adolescentes no Brasil, a partir da experiência de Olinda/PE. A iniciativa de fazer esse trabalho foi da Igreja Católica em conjunto com os leigos. O Movimento definiu como objetivo principal, a construção de alternativas para dignificar a infância em Países com altos índices de exclusão social, utilizando brincadeiras e instrumentos da cultura popular regional e uma releitura crítica do evangelho, na qual, os excluídos deveriam ser priorizados. O trabalho era realizado em grupos que definiam sua atuação a partir das contribuições das crianças que deles participavam, buscando uma vida mais digna, construindo alternativas para as dificuldades enfrentadas no cotidiano de adolescentes e crianças que sofriam as consequências da exclusão social.

PALAVRAS CHAVE: Criança, participação, dignidade, coletivo.

MOVIMENTO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS – MAC: CHILDHOOD PARTICIPATION, IN STREETS AND SQUARES FROM THE MORRO DA CONCEIÇÃO. RECIFE(PE) - 68/78.

ABSTRACT

This article is the product of research on the Movement of Adolescents and Children - MAC, comprising the religious, social and political context in which it emerged, the methodology used to develop work with children and adolescents in Brazil, based on experience. from Olinda / PE. The initiative to do this work came from the Catholic Church together with the laity. The Movement defined as its main objective the construction of alternatives to dignify childhood in countries with high rates of social exclusion, using games and instruments of regional popular culture and a critical reading of the gospel, in which the excluded should be prioritized. The work was performed in groups that defined their performance based on the contributions of the children who participated in them, seeking a more dignified life, building alternatives to the difficulties faced in the daily lives of adolescents and children who suffered the consequences of social exclusion.

KEY WORDS: Child, participation, dignity, collective.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em História da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco: Email: aimee.soares.souza

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
MOVIMENTO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS – MAC NO BRASIL, A PARTIR DE OLINDA/PE.....	14
MOVIMENTO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS - MAC NO MORO DA CONCEIÇÃO: LUGAR DE FÉ E RESISTÊNCIA.....	23
CONSIDERAÇÕES.....	28
REFERÊNCIAS.....	29
ANEXO 01: Revista de História Bilros. História(s), Sociedade(s) e Cultura(s). Políticas de Seção.....	32

INTRODUÇÃO

Antes da Sociedade Moderna não havia um conceito definidor de infância. Após a Revolução Francesa, quando a sociedade passou por um processo de elaboração de novas narrativas, valores e significados, o surgimento dos Estados e a definição de seu papel político e social dos indivíduos e das Instituições públicas, a infância foi conceituada, mas, ainda assim, a criança precisava ser protegida e tutelada. A expressão de pensamento não era permitida, os adultos pensavam por elas. A educação oferecida pelas famílias e pelo Estado teria que moldá-las e discipliná-las de acordo com os interesses de uma Sociedade onde os adultos decidiam o que era melhor para as crianças. As concepções defendidas por (NASCIMENTO, 2011, p.6) que utiliza (ROUSSEAU, 1995), (LEVIN, 1997, p.254), (DURKHEIM, 1978) para demonstrar que mesmo sem ser uma política revolucionária de governo, houve um avanço para a definição de infância porquê características específicas para essa faixa etária.

[...]Rousseau (1995) propôs uma educação infantil sem juízes, sem prisões e sem exércitos. A partir da Revolução Francesa, em 1789, modificou-se a função do Estado e, com isso, a responsabilidade para com a criança e o interesse por ela. Segundo Levin (1997), “os governos começaram a se preocupar com o bem-estar e com a educação das crianças” (p. 254). Embora indiferente aos ideais democráticos tributários dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade promulgadas pela Revolução Francesa, bem como contrário à necessidade de respeitar os elementos constitutivos do ser criança, tal como os concebemos hoje, Durkheim (1978), foi quem primeiro buscou tecer os fios da infância aos fios da escola com objetivos de “moralizar” e disciplinar a criança. [...]Durkheim (1978) propôs três elementos fundamentais para desenvolver a educação moral das novas gerações, que deverão ser capazes de adequar-se às regras do jogo social, político e econômico. Portanto, educar a criança passa a significar moralizá-la no sentido de inscrever na subjetividade desta os três elementos da moralidade. Explica o referido autor que educar é inscrever na subjetividade da criança os três elementos da moralidade: o espírito de disciplina (graças ao qual a criança adquire o gosto da vida regular, repetitiva, e o gosto da obediência à autoridade); o espírito de abnegação (adquirindo o gosto de sacrificar-se aos ideais coletivos) e a autonomia da vontade (sinônimo de submissão esclarecida) (Durkheim, 1978).

Na Sociedade Moderna, o Estado assumiu um papel de controle e disciplinamento da população e da criança. Estabeleceu para si o poder de determinar regulações a políticas destinadas a essa faixa etária considerada incapaz de se emancipar. As famílias tinham suas obrigações com as crianças mas era o Estado quem definia as diferentes incumbências, conforme citado por (Marchi, 2000, p. 237) que utiliza (Castro, 1996) para fundamentar suas teorias emancipatórias sobre a infância.

A infância tornou-se, dessa forma, o lugar de intervenção do Estado moderno para a deflagração de um projeto de sociedade que tinha, aliado à idéia de “emancipação”, as noções de “controle” e “previsão” como fundamentos de políticas propedêuticas e práticas de intervenção e regulação social (Castro, 1996).

No Brasil, o conceito de criança como um ser social e protagonista encontrou muita resistência até o tempo presente, principalmente para a infância pobre, excluída econômica e socialmente que ainda enfrenta muitas dificuldades para viver com um mínimo de dignidade. São crianças desprovidas de direitos básicos, tais como: moradia, alimentação, saúde, educação, água potável, pais empregados e bem remunerados, esporte, lazer, entre outros. Com a Constituição de 1988 muitos direitos foram assegurados, entretanto a materialização ainda não está efetivada, principalmente quando a gestão democrática do País está sob risco, a exemplo do que aconteceu no Brasil em 1964. (JUNIOR, PADILHA, 2019) e que se repete após o impeachment sofrido pela Presidenta legitimamente eleita, Dilma Rouseff, motivado por interesses que não estão comprometidos com as pautas sociais, principalmente na área de Direitos Humanos e Cidadania.

Nos anos 80, diante da redemocratização do país, após um longo período de ditadura, a sociedade brasileira se organiza na luta pela reestruturação da democracia do País, no anseio da liberdade, dos direitos individuais e também dos direitos sociais. Em 1988 se instituiu a nova Constituição Federal (CF), no qual os direitos da criança e do adolescente também são assegurados. Só a partir da CF (1988) e da regulamentação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA - (1990), a legislação reconhece a criança como cidadão e os direitos fundamentais ao seu desenvolvimento, tornando-se prioridade nas ações do Estado.

Historicamente, a Sociedade constrói alternativas ao autoritarismo, através de Movimentos Sociais, entre outras, o Movimento de Adolescentes e Crianças - MAC que surgiu em 1968, quando o Brasil estava sob a égide do Regime Militar. Apesar de toda adversidade do momento, este Movimento, resistiu e consolidou-se, ampliando sua atuação no Brasil, de conformidade com o que foi constatado e relatado pelo Professor Antonio Montenegro, da UFPE, no seu estudo sobre esse período (MONTENEGRO, 2008, p. 14).

A luta dos trabalhadores por direito à cidadania era transformada por grande parte da imprensa e diversas instituições da sociedade civil em um grande medo, em um grande perigo que ameaçava a todos. Assim de forma gradativa eram elaboradas as condições que justificariam a ruptura do pacto constitucional.

A capacidade do Movimento de resistir ao autoritarismo através do trabalho com adolescentes e crianças despertou o meu interesse em pesquisá-lo, principalmente porque também tenho origem periférica e de enfrentamento aos desafios para sobreviver e construir uma vida digna em situações de extrema exclusão. Sou uma mulher negra, de família humilde e trabalhadora, conforme o público alvo do Movimento de Adolescentes e Crianças - MAC até o tempo presente. Durante os primeiros 24 anos da vida foram vividos em um País sem liberdades civis mas eu não percebia. O regime silenciava a todos e todas que estavam ao meu redor. Tivemos uma infância feliz, brincando na rua ao lado de casa, sob o olhar de nossos pais, entretanto, éramos

privados de muitas coisas materiais, inclusive de abundância alimentar mas não percebíamos que isso era um problema de grande parte da população brasileira. Nunca ouvimos falar em milagre econômico, a televisão só chegou em nossas casas na juventude. Sempre me refiro a nós porque fui parte de uma família de 4 filhos e nossos vizinhos ampliavam a composição familiar porque a Rua de nossa casa era um ambiente seguro e solidário. A minha infância foi em um ambiente de pessoas que sofriam mas sabiam que a única forma de sobreviver à exclusão era a solidariedade. Minha mãe sempre recebia muitos vizinhos em casa e eu ouvia os relatos desesperados em relação ao sustento de suas famílias. Lembro que ficava ao lado da máquina de costura de minha mãe, vendo-a trabalhando muito e eu precisava dar conta dos serviços domésticos mas isso não era impedimento para as brincadeiras de roda, de esconde esconde, de pular corda, jogar pedrinhas, pular academia, rodar o peão, bambolê, entre outras brincadeiras. Com a morte de um dos meus irmãos aos 17 anos, conheci o Padre Reginaldo Veloso e descobri o que era viver em Comunidade. A rua havia se ampliado, agora o Morro todo era uma grande família para nós, eu e algumas das amizades de infância passamos a atuar no Bairro para conquistar melhor qualidade de vida e dignidade. A tarefa era exaustiva mas o resultado, muito compensador. O Bairro prosperava a olhos vistos e a redemocratização passava pelas discussões promovidas nos grupos organizados do Morro da Conceição, de crianças a idosos(as). O povo entendia que para ser forte, precisava se unir.

No presente, ainda contamos com vários grupos organizados no Morro da Conceição mas o perfil crítico e contestador foi substituído em grande parte pela participação descolada do contexto social. Mesmo que a situação social e econômica esteja mais frágil, após o desmonte da Igreja Progressista promovido desde o Papado de João Paulo II, a Igreja Católica local, que centraliza o poder na Comunidade, assumiu um papel mais evangelizador para formação de cristão novos, que tenham uma relação direta com um Deus que permanece no além, sem exigir mudanças na vida cotidiana dos seus fiéis. Com essa prática, a inserção social dos grupos ligados à Igreja Católica de Recife arrefeceu e o Movimento de Adolescentes e Crianças ainda resiste, sem a mesma pujança de outros momentos, na sua trajetória de 50 anos.

O Brasil do tempo presente, sofre vários enfrentamentos em áreas como Educação e Direitos Humanos com narrativas inequívocas do Gestor, sobre o desejo de utilizar ferramentas experimentadas nos anos da Ditadura Militar para impor sua marca de gestão, com ações que visam dismantelar Movimentos Sociais aguerridos. Reconheço que em um País onde a maioria dos assassinatos atingem adolescentes e jovens negros(as) e moradores das áreas mais pobres da Cidade, conhecidos como periféricos, a realidade das crianças, principalmente os filhos e filhas dessas famílias é de muita exclusão e vulnerabilidade. Por isso compreendemos a importância de registrar academicamente uma experiência como a do Movimento de Adolescentes e Crianças – MAC para que não caia no esquecimento sobre um período da história brasileira, no qual forças religiosas e sociais se uniram para possibilitar às

crianças em situação precária, condições para mudar suas vidas, através da solidariedade, respeito e amor a si e ao próximo.

Fiz esse sobre a minha infância, adolescência e juventude porque acredito que boa parte da minha geração, moradora do Morro da Conceição teve uma relação direta ou indireta com o processo de organização que tentava tirar da exclusão a maioria da população, principalmente através de alternativas que possibilitasse o desenvolvimento do potencial das crianças da área. A participação nos grupos, seja os do Movimento de Adolescentes e Crianças, ou as Escolas e demais grupos infantis, passavam pela compreensão que só a união e a luta conseguiria melhorar nossas vidas.

Para referenciar nossa Pesquisa e o nosso lugar de fala, recorremos ao texto "A escrita da História" porque consideramos pertinente o fato da pesquisa estar relacionada à história de vida da pesquisadora, que não fez parte do Movimento viveu sua infância em condições similares ao público atingido pelo MAC, na periferia de Recife entre 68/78. Encontramos referência em (CERTEAU, 1982, p.56) ao relacionar o lugar social e a escrita da história, para definir nossa escrita, que reforça o direito e a necessidade de pessoas que se dispõem a pesquisar e historicizar sobre algum momento da história social, perceber a importância de ter com o tema em estudo, um comportamento de respeito e compromisso, conscientes que a História trabalha com o passado de pessoas, indivíduos e coletivos que devem ser visibilizados para enriquecer o estudo sobre a história dos povos ao longo do tempo.

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita.

O principal objetivo deste trabalho é apresentar a trajetória do Movimento de Adolescentes e Crianças - MAC, para colocar em evidência uma experiência de enfrentamento ao Regime Militar, através do trabalho com crianças e adolescentes.

Para atingir o objetivo estratégico, pesquisaremos e escreveremos um material que possa ser utilizado por professores em salas de aula porque entendemos que a História do Movimento de Adolescentes e Crianças- MAC relata e reflete o cotidiano de adolescentes e crianças organizadas em grupos sociais, nos quais, suas origens, desejos, direitos, e a forma como compreendem o Mundo através de sua participação no Movimento precisam ser conhecidos por crianças do tempo presente que vivem realidades similares e desejam vencer os desafios para a sua inserção e elevação social.

Desejamos que a pesquisa e o relato dessa experiência possa contribuir para o ensino da história local e elevar a auto estima de estudantes da periferia de Cidades

como Recife, em especial, o bairro do Morro da Conceição e também, para subsidiar e estimular as iniciativas sociais na defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes.

O presente TCC foi pensado para fazer uma análise de fontes orais e teria como objeto de estudo, o Grupo de Meninos da Santa do Morro da Conceição mas, na primeira entrevista com o Padre Reginaldo Veloso, percebemos que o grupo fazia parte de um trabalho mais amplo que justificaria uma troca de tema, dada à sua relevância para o Estudo da Infância. A partir dessa decisão, tivemos que refazer todo o trabalho e iniciamos nossa pesquisa sobre o Movimento de Adolescentes e Crianças (MAC).

Para realizar a pesquisa qualitativa sobre o Movimento de Adolescentes e Crianças (MAC) fizemos uma revisão bibliográfica a partir dos arquivos da Sede do Movimento de Adolescentes e Crianças de Recife/PE e do acervo pessoal do Padre Reginaldo Veloso porque não conseguimos identificar nos espaços públicos usuais, as fontes para a nossa pesquisa. Apesar de todos os desafios para publicar materiais sobre experiências consideradas de resistência pelo Regime governamental vigente, o Movimento produziu um importante acervo bibliográfico sobre sua experiência que merece ser estudado e nos auxiliou determinante neste trabalho.

Nos referenciamos também nas teorias do Professor Paulo Freire que inspirou o nossa compreensão sobre a educação popular, defendida pelo autor que reconhece as dificuldades e peculiaridades da população oprimida e que o conhecimento é um instrumento imprescindível para sua libertação, conforme (FREIRE, 1987, p.29) "Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão" e em Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, a base teórica que legitima a Metodologia adotada pelo Movimento Movimento de Adolescentes e Crianças (MAC), pautada na educação popular. Por isso, priorizamos no nosso Artigo a participação das crianças no Movimento, suas conquistas e contribuições.

INÍCIO DO MOVIMENTO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS – MAC, NO BRASIL, A PARTIR OLINDA/PE.

O Movimento de Adolescentes e Crianças - MAC decorre de um redirecionamento da Igreja Católica, Apostólica Romana, de acordo com as resoluções do Concílio Vaticano II (1962 – 1965) que estabeleceu um posicionamento prioritário da Igreja a favor dos pobres e excluídos, posição consolidada na Conferência do Episcopado Latino-Americano (1968) em Medellín/Colômbia à época do papa João XXIII. Uma nova forma de se fazer e viver a igreja, na qual, o povo excluído e sofrido deveria ser o centro das discussões teológicas e pastorais, conforme relata (SOUZA, 2005, p.5), sobre a escolha de João XXIII para Papa da Igreja Apostólica Romana e as propostas inovadoras de seu papado.

Em outubro de 1958 faleceu Pio XII, depois de uma longa enfermidade. O conclave, que se reuniu no mesmo mês, elegeu o patriarca de Veneza, cardeal Ângelo Roncalli, que adotou o nome de João XXIII (1958-1963). Sua eleição foi recebida com grande surpresa. Para o grande público[...] Havia uma certa decepção com o nome anunciado depois da eleição. Poder-se-ia esperar dele abertura às necessidades do mundo moderno...Três meses depois de ocupar a cátedra de São Pedro, em janeiro de 1959. [...] A Cúria sempre pensou que a direção da Igreja estava na própria Cúria, e em boas mãos. Sendo assim, uma assembléia internacional, com membros do episcopado de todos os recantos, causaria mais confusão do que vantagens. (p.5)

O novo Papa propôs uma renovação da Igreja, abrindo espaço para ouvir propostas que permitissem a inserção da Igreja no Mundo Moderno, atento às necessidades de seus fiéis e comprometida com o evangelho de Jesus Cristo, conforme (SOUZA, 2005, p.06), “O ponto fundamental dos seus discursos estava na explicação clara das falhas da Igreja e na insistência da necessidade de mudanças profundas”. A realização do Concílio permitiu vários avanços na Igreja mas frustrou expectativas de quem desejava uma radicalização na opção preferencial pelos pobres e excluídos da América Latina, conforme (SOUZA, 2005, p.35) que utiliza a Revista de Teologia e Cultura para reforçar suas teorias.

O Vaticano II foi ao encontro da modernidade ocidental, preferencialmente da européia, que vivia sua expansão no pós guerra, mas que em 1968 iria ser fortemente contestada pelos jovens e denunciada por suas injustiças sociais. Revista de Teologia e Cultura / Journal of Theology & Culture Edição nº 02 – Out/ Nov/ Dez 2005 É exatamente neste momento que a Igreja na América Latina dará um passo adiante.

O ano 1968 foi um grande marco para a Igreja da América Latina, após a Instalação da Segunda Conferência do Episcopado Latino-Americano, constituindo-se em um espaço para denúncias e análises do projeto social e político instalado na América Latina que submetia grande parte da sua população a Regimes anti-democráticos, nos quais as desigualdades sociais foram aprofundadas. Medellín realizou uma Conferência que marcou o futuro da Igreja Católica na América Latina e assumiu uma opção preferencial pelos pobres, resultando em um redirecionamento na materialização das ações religiosas, conforme descreve (SOUZA, 2005, p.34,35).

Em 1968, acontece em Medellín a Segunda Conferência do Episcopado Latino-Americano, um grande passo na denúncia do pecado social e na proclamação da necessidade de uma libertação integral, assumindo a opção preferencial pelos pobres. A Conferência foi sim impulsionada pelo Concílio e também pela Teologia da Libertação, nascente no Continente da Esperança. Teologia não-imitativa, mas criativa. Mais do que uma simples aplicação do Vaticano II, Medellín foi a releitura da realidade econômica, política e eclesial com base nos excluídos. O movimento da Ação Católica colocava em debate a relação entre leigos, religiosos e sacerdotes, abrindo assim um pequeno, mas importante, espaço na vivência da teoria conciliar da Igreja como povo de Deus. Daí partindo a reflexão para os diversos ministérios na comunidade eclesial e o protagonismo dos leigos (temas tratados em Puebla e pela CNBB no documento 62). Os pronunciamentos da CNBB e suas diretrizes foram um testemunho irradiante, mas trouxeram também ambigüidades. Entre 1968 e 1979, de Medellín a Puebla, numa década fecunda, setores católicos, por meio de suas pastorais, CEB's e sua reflexão teológica, tiveram um papel pioneiro. No Brasil, isso se deu num contexto de repressão política, em que parte da Igreja foi a voz dos sem voz, denunciando a tortura realizada pelas ditaduras militares.

Em Pernambuco as resoluções da Conferência do Episcopado Latino-Americano materializaram-se em ações direcionadas aos pobres e excluídos socialmente, conduzidas pelo Arcebispo de Olinda e Recife, à época, Dom Helder Câmara, a exemplo do Movimento de Adolescentes e Crianças - MAC. O Brasil vivia um período onde as Forças Armadas assumiram o comando do País e o administravam de acordo com seus interesses que nem sempre correspondiam às necessidades da maioria da população e o acirramento entre o modelo democrático e o autoritarismo suscitaram enfrentamentos e descontentamentos dos gestores da época e provocaram a aplicação de medidas abusivas contra os interesses democráticos da população, a exemplo do que relata (CODATO, 2004, p. 17), sobre as intervenções governamentais. A autora destaca a falta de projeto político para o País, motivo pelo qual o Governo perdeu seu poder de

convencimento junto a seus apoiadores, o que motivou o Golpe Militar de 1964. Enquanto a sociedade ampliou a resistência dos movimentos sociais, “Ainda que as Forças Armadas não possuíssem de antemão um “projeto” de governo, para o país etc., a dinâmica do processo político entre abril de 1964 e outubro de 1965 indicava a derrota definitiva do “populismo”. A repressão e punição das forças contrárias ao Regime Militar foi um momento singular da história do povo Brasileiro com o aprofundamento das ações de repressão conforme relatado por (CODATO, 2004) dificultando as ações de resistência. O Regime Militar cerceou a sociedade de informações que contrariassem os interesses do Governo. As informações do Jornal Diário de Pernambuco testemunham a forma como os governantes da época utilizavam a censura para manter o domínio da população, a exemplo que foi descrito pelo CPDOC do Diário de Pernambuco.

O ano de 1964 foi o da vinda de dom Hélder Câmara para a Arquidiocese de Olinda e Recife. O *Diário de Pernambuco* registrou a sua chegada a Recife e o início das suas funções. Todavia, após 1965 e durante boa parte dos anos seguintes dom Hélder Câmara foi deliberadamente esquecido pelo noticiário do jornal, preocupado em não fazer referências a pessoas que não fossem benquistas pelo regime militar. Este era o caso do próprio dom Hélder, do ex-presidente João Goulart e do ex-governador pernambucano Miguel Arraes, na condição de exilados... No *Diário de Pernambuco* a censura processou-se de diversas formas: ora havia censores do Departamento de Operações Internas-Centro de Operações para a Defesa Interna (DOI-CODI), que se instalaram na própria redação, ora havia uma espécie de índice de temas e pessoas proibidos de serem abordados nas matérias jornalísticas.

Nessa conjuntura religiosa e política, após a chegada de Maria Guillien, médica Francesa, enviada pelo Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças (MIDAC) à convite de Dom Helder Câmara, para desenvolver um trabalho com crianças no Brasil, inicia-se em Tanajura, Olinda/PE/Brasil, o trabalho do Movimento de Adolescentes e Crianças - MAC. Maria recebeu o resultado da pesquisa realizada pela Equipe Arquidiocesana de Catequese de crianças, representada por Solange, Edla, Regina, Alcino e Edneide com crianças de alguns bairros periféricos de Olinda e Recife, em situação de exclusão social, inclusive na Ilha do Maruim. “Tanajura foi o nome dado pelas crianças à casa que escolheram para Maria morar, inspirado no perfil do inseto, conforme (VELOSO, 1985, p.26) “Mas por que TANAJURA? Perguntou Maria. Porque se come! E todos aderiram com entusiasmo. Comer, eis a questão.” A escolha do nome reflete o cotidiano das crianças que também eram vítimas da fome, assim como o inseto escolhido.

Segundo relata (VELOSO, 1985, p. 23) o Movimento expandiu-se rapidamente, assumindo um perfil social e educativo.

O Movimento avançou em vários locais do Brasil, como uma entidade de caráter social e educativo, que se organizava em rede, presente em 9 estados: Pará, Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Goiás e Rio de Janeiro. Em 1975 Recife e João Pessoa se articulam para caminhar juntos, segundo VELOSO, “aconteceu em João Pessoa de 25 a 30 de julho, O 1º ENCONTRO NORDESTINO DE AMIGOS DAS CRIANÇAS.

Inicialmente o nome do Movimento era “MOVIMENTO AMIGOS DAS CRIANÇAS- MAC e o poder decisório era centralizado nos adultos. A Participação e protagonismo infantil provocou mudanças e em 1984, no 2º Encontro Nacional de Crianças, realizado em Guarabira/PB, conforme relato de (VELOSO, 1985, p.170) “Questiona-se o nome do Movimento... Permanece a sigla MAC, mas depois de caloroso debate entre crianças, adolescentes e acompanhantes chega-se a nova denominação: MOVIMENTO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS (MAC)”. A nova denominação permite compreendermos que as crianças e adolescentes contestaram e alteraram as relações de poder traduzida pela mudança do significado da sigla MAC. conforme defendido em (FREIRE, 2015, p. 66) “O respeito à autonomia e à dignidade é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”, que podemos traduzir na palavra conquista.

Para atingir seus objetivos, o Movimento de Adolescentes e Crianças - MAC definiu uma metodologia específica para o trabalho, através do Ver (com consciência crítica), do julgar (pelo critério da defesa e promoção da vida; ficando do lado do oprimido; pelo princípio da equidade; justiça e igualdade; Agir (para transformar as realidades injustas); Avaliar (refletir sobre a prática/práxis); Celebrar (fazer memória porque é importante para manter a utopia / mística / caminho de um outro mundo possível). Utilizamos (LOPES, 2006, p. 110) para definir um conceito de brincadeira que acreditamos estar relacionado com a intenção do Movimento de utilizá-las como instrumento metodológico de organização dos grupos.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas

brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a interação, a memória, a imaginação. Amadurecem

também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais.

O Padre Reginaldo Veloso foi escolhido para compor a coordenação do Movimento no Brasil, possibilitando que acompanhasse experiências dentro e fora do Brasil, conforme relata em (VELOSO, 1985, p.127).

1977. Ano decisivo para a consolidação do Movimento Latino-Americano, 3 encontros sucessivamente em Punta de Tralca (janeiro, 3ª, Assembléia Latina-Americana do MIDADEN) João Pessoa (abril) e Montevideo (setembro), entre representantes dos Movimentos do Chile, do Brasil e do Uruguai criam as condições mínimas para uma caminhada em conjunto. Do ponto de vista de organização, dá-se início à formação da Equipe latino-Americana de Coordenação, com a escolha de Lucho Cáceres como Coordenador e Reginaldo Veloso como Assessor. Do ponto de vista da reflexão, lança-se a plataforma de uma reflexão em conjunto, com a elaboração do documento-base, “AMIGOS DAS CRIANÇAS 77”.

A nova função permitiu que o Padre acompanhasse os trabalhos como o realizado em Marcação, Rio Tinto/PB, Tanajura em Olinda/PE e várias outras experiências. Em Marcação/PB e Tanajura/PE as crianças resolveram lutar por água potável, em Lagoa Encantada/Ibura/Recife/PE, formaram um grupo de teatro para lutar por água nas torneiras de suas casas, conforme cita (VELOSO, 1985, p.29) “Nós temos feito também pelo nosso grupo um teatro. O nome é o PÉ DE GOIABEIRA. Nós apresentamos na comunidade e apresentamos em outros lugares, onde somos convidados”. (VELOSO, 1985, p. 156), utiliza a música para representar o Movimento. Compreendemos que as escolhas de temas estão associadas às vivências pessoais e coletivas. No caso da água, só quem já sentiu sede, sabe o que significa não ter água potável para beber. Talvez por esse motivo as crianças escolhessem temas que nos parecem, nos tempos de hoje, responsabilidade somente de adultos.

SOU PEQUENO

Afonso G. Leite

Sou pequeno, tão pequeno.

Dizem que não sei pensar

Quando penso, logo dizem:

Mente adulta! Não vai dar!

Mas eu penso nessa vida:

Oh! Que peso! Que pesar!

Sou pequeno, tão pequeno

Dizem que não sei falar

Quando falo, logo dizem:

Cale a boca, vá pra lá.

Mas eu falo na esperança

De o povo me escutar. (bis)

Sou pequeno, tão pequeno

Dizem que não sei querer

Quando quero, logo dizem:

Menino é para obedecer!

Mas eu quero um mundo novo:.

Todos juntos, bem viver! (bis)

Sou pequeno, tão pequeno

Dizem que não sei lutar

Quando luto, logo dizem:

Menino é só pra brincar!

Mas unido a todo o povo

Quero o mundo transformar. (bis)

A letra da música Sou Pequeno de Afonso G. Leite, representa a angústia das crianças para serem escutadas, com respeito e direito de protagonizar mudanças nas suas vidas e no ambiente coletivo. O pequeno que sente, sofre e deseja ser feliz. Em 1978 Domingos Sávio assinou a Introdução da publicação que registrou a oralidade da cultura popular brasileira, “VAMOS BRICA Di RODAS” na qual várias cantigas, no formato de músicas de roda, representavam as crenças e lendas populares do campo e da Cidade. A cartilha tem um aspecto rudimentar e foi publicada à

mais de 50 anos, só restando este exemplar que representa muito bem as dificuldades editoriais dos Movimentos sociais da época. Escolhemos a Cantiga 01, “A Pobre e a Rica” porque nos apresenta as contradições brasileiras, as desigualdades sociais que atingem diretamente crianças, adolescentes e mulheres através das reproduções de dominação do macho sobre a fêmea e sua cria. De autor desconhecido, esta música relata as diferenças entre pessoas pobres e ricas, das diversas Regiões do Brasil, as relações patriarcais que definiam o destino das filhas mulheres, com quem deviam casar, que ofício seguir. A música sugere que a população mais pobre tinha consciência das diferenças entre pobres e ricos e que um bom casamento poderia representar uma mudança social.

A POBRE E A RICA

AUTOR: Desconhecido

Eu sou pobre, pobre, pobre

De marré, marré, marré.

Eu sou pobre, pobre, pobre,

De marré de ci.

Eu sou rica, rica, rica

De marré, marré, marré

Eu sou rica, rica, ric

De marré de cí.

Quero uma de vossas filhas

De marré, marré, marré,

Quero uma de vossas filhas

De marré de cí.

Escolha a qual quiser

De marré, marré, marré

Escolhei a que quiser

De marré de cí.

Que ofício dás a ela

De marré, marré, marré.

Que ofício dás a ela

De marré de

Dou ofício de

De marré, marré, marré

Dou ofício de

De marré de cí.

Este ofício não me agrada

Já me agrada

De marré, marré, marré.

Este ofício não me agrada

Já me agrada

De marré de cí.

Eu de pobre fiquei rico

De marré, marré, marré.

Eu de pobre fiquei rico

De marré de cí.

Eu de rica fiquei pobre

De marré, marré, marré.

Eu de rica fiquei pobre.

De marré de cí.

A cartilha do Movimento aproveitava essas músicas para promover debates sobre as diferenças sociais, conforme exemplificado a seguir:

PARA REFLETIR

1. Por que é que existe gente rica?
2. Porque existe gente pobre?
3. Você conhece casos que as mães deram seus filhos, por que?
4. Quais são os tipos de profissões que são oferecidas?
5. Você conhece crianças que trabalham? Quais são as profissões delas?
6. A gente e os nossos pais hoje em dia, pode de verdade escolher o trabalho que gostaria de fazer?

COMPARE: Texto Bíblico Tiago 5,1-6.

DESENHE: O trabalho de seu pai e de sua mãe.

O Movimento de Adolescentes e Crianças (MAC) precisou construir uma proposta para o trabalho dos acompanhantes dos grupos, porque era preciso adquirir uma nova postura que garantisse a participação das crianças e adolescentes nas decisões dos grupos. Para tanto, o MAC de Ceilândia/DF publicou (EDUCAÇÃO POPULAR E METODOLOGIA DO TRABALHO COM ADOLESCENTE E CRIANÇAS, 2015), que contou com um pensamento de Paulo Freire, no Terceiro Capítulo, p. 03, ao afirmar que: “É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática”. A publicação define a postura correta que os educadores populares deviam adotar no Movimento; o que deve ser feito e/ou evitado para garantir o respeito aos direitos das crianças e adolescentes, através de práticas democráticas, lúdicas e críticas.

Os desafios culturais, sociais, políticos, religiosos, entre outros, que as crianças precisavam superar podem ter contribuído para elas perceberem no Movimento de Adolescentes e Crianças- MAC, conforme relatam cartas recebidas pelo Padre, citada em (VELOSO, 1985, p.73 e 75), entre as quais destacamos duas que apresentam a percepção de duas irmãs que se oferecem para formar novos grupos. São crianças cujos pai e mãe participam de organizações ligadas à Igreja Católica, a exemplo da A.C.O (Ação Católica Operária) e são engajadas em atividades sociais e políticas na Região onde residem.

Contagem, 30 de novembro de 1982.

Padre Reginaldo,

Primeiro vou falar quem sou e depois o que eu quero. Eu me chamo Livia, tenho 8 anos, Moro no Bairro Inconfidentes da Cidade de Contagem. Estou passeando em Sete Lagoas e fiquei conhecendo os livros do Movimento Amigos das Crianças. Eu gostaria de fazer parte deste Movimento. Na minha rua somos 8 crianças Livia, Nícia, Alan, Marília, Lìgia, Raquel, Débora e Flávia. Gostaria de receber o material que vocês usam para trabalhar em grupos. Meus pais são de A.C.O. e eu vou com eles para as reuniões desde que nasci. Papai se chama Wilson, ele escreveu uma carta para você em nome da A.C.O. nacional. E minha mãe Maria do Carmo, ajuda no movimento de creches da Cidade Industrial. Já falei muito de mim, mais agora quero saber das crianças daí. E quero desejar um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo.

Livia Lara Dias.

Contagem, 7 de dezembro de 1983

Querido Padre Reginaldo,

Eu sou Nícia, irmã de Livia.

Eu passei para o 2º ano, e por isso já posso lhe escrever. No dia 23 de dezembro faço 8 anos.

Apartir de agora quero comunicar-me com todo mundo.

A vocês um feliz Natal.

Beijos de Nícia.

MOVIMENTO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS (MAC) NO MORRO DA CONCEIÇÃO: LUGAR DE FÉ E RESISTÊNCIA

O Morro da Conceição, é um bairro de Recife/PE. A sua história remonta à chegada dos Holandeses ao Recife, conforme relata (MELO, 1993, p.3), “O Morro da Conceição escreveu a página da sua história no período da colonização portuguesa. Encontramos seu registro no século XVII, quando o nordeste brasileiro foi invadido pelos holandeses...”. (MELO, 1993, p.9) relata a história dessa localidade na resistência ao domínio dos holandeses à Capitania de Pernambuco.

A Corte de Madri envia reforços, vindo ao Brasil um oficial napolitano – Giovanni Vincenzo San Felice, o conde do Bagnoulo – que combateu inicialmente em Alagoas. O Conde do Bagnoulo planejou a construção de um grande forte na chapada do hoje Morro da Conceição que não chegou a ser concluído, devido ao certo organizado pelos holandeses ao ARRAIAL DO BOM JESUS.

A ofensiva holandesa ao ARRAIAL de deu com a ajuda de vários pontos de defesa: do Passo do Fidalgo, do largo de Casa Amarela, de Casa Forte e o mais importante no Oiteiro do Bagnoulo, hoje Morro da Conceição.

De Oiteiro da Boa Vista, o local passou a ser chamado de Morro da Conceição, devido à chegada em 1904 da Imagem em comemoração aos 450 anos do dogma da Imaculada Conceição, conforme (MELO, 1993, p.14).

A imagem de N.S. da Conceição foi encomendada na França, mede 3,5m e pesa 1.806 quilos. Houve “enorme repercussão no transporte do Porto até o Morro do Outeiro. Foi conduzida no pequeno vagão férreo, que fazia a linha Recife-Araial”.

Festa de Inauguração

Gente vindo do interior, dos subúrbios, bairros e algumas capitais subiram ao Outeiro para festejar a inauguração do monumento. 20 mil pessoas estiveram presentes em 8 de dezembro de 1904. Naquele tempo o Recife tinha mais ou

menos 120 mil habitantes. Depois de pouco tempo, em 1906, foi construída uma capela próxima ao monumento. Essa capela pertencia à Freguesia do Poço da Panela. Pouco a pouco, de Oiteiro da Boa Vista passou a ser chamado de Morro da Conceição.

8 de dezembro foi definido como o dia de homenagear a mãe de Jesus no Morro da Conceição. a chegada do monumento transformou a localidade em ponto de visita de pessoas vindas de vários locais. Muitas lutas aconteceram nessas terras, iniciadas pelo reconhecimento da terra, pela instalação de água potável, energia, calçamento de ruas, entre outras. A Capela funcionava como uma incubadora de grupos que se organizavam para lutar por melhorias para a comunidade, conforme descreve (MELO, 1993, p.18).

Em 1979 foi criado o CLI, Centro de Leitura e Informação do Morro da Conceição. O centro tinha como objetivo informar as pessoas através dos cursos. Segundo a moradora Helena Lopes “os alunos iam lá fazer pesquisas. Nós tínhamos jornal diário que servia para que as pessoas fossem lá ler os jornais e depois nós recortávamos por assunto e colocávamos na parede, fazendo um jornal mural”.

O Centro funcionava na antiga casa paroquial. Do centro de leitura surgiram várias organizações populares - Clube de Mães Grupos de Gestantes, Curso de alfabetização de adultos. Na paróquia do Morro durante esse período já haviam vários trabalhos, como o Movimento de evangelização, Encontro de Irmãos, Grupos de Jovens e de Criança. Esses espaços foram criados pela igreja visando discutir, debater e buscar soluções para os problemas da Comunidade.

O Padre Reginaldo Veloso, também adotou uma relação com a Comunidade Cristã que se contrapunha ao modelo político hegemônico, motivado pelos relatos dos moradores e moradoras, que sofriam por causa da ganância daqueles a quem chamavam de poderosos, detentores de privilégios econômicos, em um Sistema que excluía a maioria do povo brasileiro.

O Professor Humberto Miranda, na sua Tese sobre: Nos tempos das Febems: memórias de infâncias perdidas (Pernambuco / 1964 – 1985, reforçou a percepção que o Morro da Conceição era um dos espaços frequentados pelo protagonista de sua pesquisa e que a forma de organização da comunidade influenciava a vida dessas pessoas, conforme cita em (MIRANDA, 2014, p.14).

É nesse momento que a trajetória de Carlos se encontra com a História do Morro da Conceição, bairro da zona norte do Recife. O bairro aparece como o - espaço praticado, espaço onde as pessoas se

encontram e se organizam; onde - a criança, o pequeno comerciante, a mãe de família, o jovem, o aposentado, o padre, o médico e outros agentes históricos constroem um cotidiano.

Alguns participantes da Igreja aderiram à defesa dos Direitos Humanos, com importante inserção na localidade e contribuíram determinantemente para as conquistas sociais populares, a exemplo de Dona Helena Lopes, que descreveu em “O Morro da Conceição que enfrentou a ditadura – CuriosaMente”, as vitórias como consequência do processo de organização da comunidade.

Apenas em 1980, o governador Marco Maciel comprou as terras aos que se diziam seus proprietários. O Morro da Conceição era do povo. A vitória foi acompanhada por outras. A professora Helena Lopes de Almeida, mora no morro há 45 de seus 70 anos e lembra bem do processo de mudança pelo qual a comunidade passou. “Naquilo que estava mais precário, a gente começava a reivindicar. Quando pedimos barreiras e não fomos atendidos, construímos com nossas próprias mãos. O nosso conselho de moradores, que muito ativo, é fruto das discussões que começaram da falta d’água. Brigamos e ela chegou”. Com a água, vieram as escolas, o calçamento, a iluminação e, recentemente, um posto policial. O Morro da Conceição foi transformado”. Quando questionada a respeito de quem promoveu a mudança, Dona Helena não hesita: “a participação popular”.

Em 1980 foi criada oficialmente a Organização Social para representar os vários interesses e lutas da população do Morro da Conceição. Nasceu o Conselho de Moradores do Morro da Conceição que, a partir de então, abrigaria vários outros grupos organizados por temas de interesse do povo, tais como grupo de mulheres, equipe de saúde, grupos de idosos, comissão de barreiras, comissão de segurança, comissão de limpeza, setor de comunicação, grupos de terrenos, departamento de educação, o CERVAC (Centro de Valorização e Reabilitação das Crianças) que trabalhava e permanece até o tempo presente, trabalhando com crianças e adolescentes deficientes, entre várias outras iniciativas protagonizadas pela população.

Conforme publicado em (SILVA, 1993, p.9), a maioria da população era jovem e precisava melhorar a vida das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, através da luta do Conselho de Moradores, reivindicando vagas em escolas públicas e exigindo a melhoria da qualidade do ensino, criando espaços alternativos de ensino, conhecidos como Escolas Comunitárias, conforme apresentado por (MELO, 1993, p. 34, 35, 48, 49) A Tabela 03 da pesquisa justifica as iniciativas da comunidade, voluntariamente, promovendo espaços de alfabetização de suas crianças e adolescentes,

a exemplo do Centro de Educação Popular Maria da Conceição, a Escola Comunitária Sonhar é Viver, a Escola Comunitária Criança Feliz, a Escola de Alfabetização Vida Nova, a Creche Comunitária Flor da Comunidade, a Oficina de Música. A Tabela 03 apresenta também dados, segundo os quais, a chefia das famílias era exercida prioritariamente por mulheres “Um, terço das famílias vive sem a figura do pai, muitas vezes substituído por outros familiares.

As mulheres abriram várias frentes para superar os desafios de chefiar suas famílias sem empregos decentes. Foram criados grupo de mulheres, de saúde, de educação e em todos eles, as mulheres participavam em conjunto com seus filhos, discutindo questões de gênero e sobrevivência. As crianças cresciam no meio dessa organização e luta. Segundo (SILVA, 1993, p. 19), a situação econômica da maioria da população era precária “991 donas de casa, 920 são desempregados.... 59% da população do Morro... dependem economicamente dos que recebem salário ou pensão”.

A Pesquisa da ETAPAS, realizada em 1993, permite que avaliemos a grave situação econômica e social da população que convivia concomitantemente com um importante espaço religioso, muito divulgado pela mídia, frequentado por autoridades políticas da Região, sem que isso resultasse diretamente em uma mudança econômica da qualidade de vida da população local. Se em 1993 era essa a realidade da população do bairro, podemos concluir que em 1978, quando surgiram os trabalhos do Movimento de Adolescentes e Crianças - MAC no Morro da Conceição, a situação sócio econômica dos moradores ainda deveria ser bastante precária. Evidentemente não temos como afirmar essa dedução mas a lógica nos permite fazer esta análise comparativa.

Na publicação (MAC: Crianças em Movimento, é uma da experiências de Memórias em Movimento. Educação Popular e Evangelização Libertadora com Crianças e Adolescentes, p. 62), Albelena descreve sua experiência de chegar em 1975 para morar no Morro da Conceição e como ingressou nos grupos locais “Nesta mesma época, várias crianças se reuniam na igreja para rezar; brincar; conversar sobre os problemas da comunidade. Logo foram identificadas como um grupo do MAC (Movimento de Adolescentes e Crianças)”. Segundo Albelena, em 1978 havia uma expectativa muito grande com o substituto do Padre Geraldo Leite mas o Padre Reginaldo Veloso seguia a mesma linha de atuação e era assessor latino-americano do

Movimento de Adolescentes e Crianças - MAC. Logo ela se tornou acompanhante do MAC e posteriormente secretária nacional do Movimento, representando a experiência vivenciada no Morro da Conceição. O Padre Reginaldo relatou uma versão sobre o início do Movimento no Morro, através da oração de Maninha, em 1983, citando-a em (VELOSO, 1984, p.58).

“Para que o povo do Morro colabore com as crianças para a Praça das crianças ficar limpa, que a gente do Picapinho ontem lavou os bancos e os escorregos e pegamos o dinheiro que a gente tinha e comprou tinta para pintar os escorregos, e agora a URB já botou de novo a caçamba lá, rezemos ao Senhor”.

As crianças identificavam na precariedade local, os impedimentos para ocuparem os espaços de lazer com dignidade e que os gestores não cumpriam com suas obrigações. Assim como em outros grupos, as crianças do Grupo Picapinho entraram em ação para mudar essa realidade, dirigindo-se aos representantes dos órgãos públicos da localidade, (VELOSO, 1984, p.58) “Depois da missa, as crianças se juntaram e foram até o barracão da prefeitura para ver se conseguiam alguma coisa, falando com alguém... mas era domingo. Só estava lá o vigia”. A maioria da população não contribuía para manter os espaços limpos, provocando doenças identificadas na pesquisa realizada por (SILVA, 1993) e relatada em (VELOSO, 1984, p.58).

O problema era que o coletor de lixo na praça delas significava uma constante ameaça. Era um chamariz de lixo. O povo vinha trazer o lixo... Uns já colocavam no chão, fora do coletor... Quando o coletor esborrava aí o lixo ia se espalhando na praça...

- A gente vai arrastar essa caçamba lá em baixo!

- Vamos conseguir um caminhão para puxá-la

- Senão, a gente se junta e sai empurrando!

Maninha tinha toda razão de fazer seu pedido na hora da missa.

A ação das crianças, levadas pela fé em um Deus que as compreendia e dava-lhes força para conquistar seus direitos, convencia as pessoas que reforçavam seus pleitos, (VELOSO 1984, p. 59) descreveu esses momentos, para os quais, a organização dos grupos do MAC, como o Picapinho, foram determinantes.

E a insistência dessas crianças diante de Deus e diante de nós nos comprometia a todos no sentido de ajudá-las a continuar na luta para ver esse mundo, um dia, limpo de todo lixo e sujeira e todas as crianças poderem brincar numa praça onde só haja brinquedos, bancos e flores.

Albelena fala do Grupo como Picapau, possivelmente porque em 1979 já eram adolescentes, ela própria já tinha 14 anos. O grupo protagonizou outras ações ligadas à limpeza

Incentivamos uma varredura no Morro, que começou nos pés da imagem da santa até a Praça das Crianças. Foi um dia muito animado”. Até pintamos o parque que existia um na antiga praça. As crianças e adolescentes também lutaram para iluminar a Praça do Morro, visto que era um espaço onde poderiam utilizar para ações prazerosas.

CONSIDERAÇÕES

Temos consciência que a história da humanidade não é estática e no decorrer dos tempos, o ser humano experimentou vários instrumentos para dominação e exclusão de grande parte da sociedade em benefício de uma pequena elite, detentora da maior parte da riqueza mundial e o quanto esses fatores contribuem para o aumento da miséria nos Países mais pobres. Nesse sentido, entendemos que a pesquisa, análise, registro e divulgação de histórias pouco conhecidas ou pouco estudadas, intencionalmente ou não, contribuam para novos estudos que possam enriquecer os debates e planejamentos de um futuro que olhe para o passado como guardião de experiências e aponte para a preservação dos valores humanitários que precisam nortear sociedades solidárias e responsáveis pela preservação da raça humana e do meio ambiente.

O Trabalho de Conclusão de Curso permitiu uma avaliação sobre a importância da experiência do Movimento de Adolescentes – MAC, no Morro da Conceição porque propiciou um espaço de expressão e organização para as crianças. O Grupo Picapau que mais tarde passaria a ser chamado de Picapau podia ser mais um grupo de crianças que reunir-se-ia para brincar ou para receber os turistas que visitavam o monumento, a exemplo do Grupo “Meninos da Santa”, que deve ser objeto de estudo futuro, mas contrariou as expectativas e, como outros grupos do MAC, dedicou-se à defender os seus interesses e de sua comunidade.

O Brasil atual enfrenta um conflito com as escolhas resultantes da democracia representativa e a vontade de boa parte da população, descontente com as ações dos Governos contrários à garantia dos Direitos Humanos e que propõem a rediscussão sobre e diminuição da menoridade penal e o trabalho infantil a partir dos 12 anos de idade. Os governantes que deviam proteger e garantir dignidade à infância, propõem mudanças que aprofundam as desigualdades sociais e penalizam a parcela mais pobre da população. Em pleno Século XXI ainda não existe uma consolidação sobre o conceito de infância e sobre o papel do Estado como garantidor de direitos.

Desejamos que a experiência do Movimento de Adolescentes e Crianças – MAC, contribua como referência de uma ação política pública que trabalhou e ainda trabalha em busca de dignidade e felicidade para adolescentes e crianças, respeitando suas especificidades e necessidades das várias infâncias, na permanente batalha por uma sociedade mais justa, igualitária, fraterna e humanizada, fortalecendo a formação de novos cidadãos e novas cidadãs, comprometidos com o bem estar coletivo, confiando na força da união para mudar a dura realidade vivida pela maioria do povo brasileiro.

Apesar de todo o esforço, temos a consciência que este Artigo ainda não conseguiu responder à pergunta: Como o Movimento de Adolescentes e Crianças – MAC, no Brasil, conseguiu iniciar suas atividades e prosseguir até o tempo presente, passando pelo Regime Militar sem impedimentos que interrompessem seu crescimento? Acreditamos que será preciso mais pesquisas e estudos para responder à tal indagação e desejamos contribuir com os estudos futuros sobre o Movimento de Adolescentes e Crianças – MAC, no Brasil e em outros países onde a experiência foi implantada.

Finalizo este Artigo citando o Estatuto da Criança e Adolescentes (ECA, 207, p.25) no qual estão garantidos em Lei os Direitos à uma infância plena e digna.

ART. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis. ART. 16.

O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: I – ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II – opinião e expressão; III – crença e culto religioso; IV – brincar, praticar esportes e divertir-se; V – participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; VI – participar da vida política, na forma da lei;

REFERÊNCIAS

CERTEAU. Michel de. **A escrita da História**/Michael de Certeau; Tradução de Maria de Lourdes Menezes/ revisão técnica [de] Arno Vogel. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1982.

CODATO. Adriano Nervo. **O golpe de 1964 e o regime de 1968: aspectos conjunturais e variáveis históricas**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 40, p. 11-36, 2004. Editora UFPR. Acesso em 11.07.2019 <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/2735/2272>>.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO Jornal pernambucano diário ... – CPDOC. Acessado em 30.07.2019 <cpdoc.fgv.br/sites/.../DIÁRIO%20DE%20PERNAMBUCO.pdf>

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Acesso em 16.12.2019
<<https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06>>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. - (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

História: Questões & Debates. Curitiba, n. 40, p. 11-36, 2004. Editora UFPR. Acesso em 11.07.2019

< <https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/2735/2272>>.

LORENZI. Gisela Werneck. **Uma História dos Direitos da Criança e do Adolescente.** Fundacaotelefonica.org.br/.../uma-breve-historia-dos-direitos-da-cri... 2016, acessado em 25.04.2019.

MARCHI. Rita de Cássia. **As teorias da socialização e o novo paradigma para os estudos sociais da infância.** Revista Educação e Realidade (UFRGS). Vol. 34, ISSN: 0100 – 3143. 2009.

MIRANDA. Humberto da Silva. **Nos tempos das Febems: memórias de infâncias perdidas (Pernambuco /1964 – 1985).** Tese de Doutorado da Universidade Federal Pernambuco, sob a orientação da Professora Dra Isabel Cristina Martins Guillen. Recife 2014.

Memórias em Movimento: educação popular e evangelização libertadora com crianças e adolescentes / Organização de GRAMACHO, Edilma de;

MONTENEGRO, Antonio Torres. As Ligas Camponesas e os Conflitos no Campo. SAECULUM – REVISTA DE HISTÓRIA [18]; João Pessoa, jan/jun.2008.

MOVIMENTO AMIGO DAS CRIANÇAS (MAC). VAMOS BRINCA DI RODAS. Secretariado Nacional. Palácio do Bispo. João Pessoa/PB, 1979. Coleção Vamos Brincar de Rodas. Equipe Nacional do MAC, 1983.

MOVIMENTO DE ADOLESCENTES E CRIANÇAS. Educação Popular e Metodologia do Trabalho com Adolescentes e Crianças. Ceilândia, DF, 2015.

NASCIMENTO. Cláudia Terra do; BRANCHER. Vantoir Roberto; OLIVEIRA. Valeska Fortes de. **A Construção Social do Conceito de Infância: Algumas Interloquções Históricas e Sociológicas.** Acesso em 19/02/2019. <www.ufsm.br/gepeis/wp-content/uploads/2011/08/infancias.pdf>.

O Morro da Conceição que enfrentou a ditadura – CuriosaMente. <https://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project>. <Acesso em 02.10.2019>.

SANTANA, Moisés de Melo. **MORRO DA CONCEIÇÃO. Fazendo História.** ETAPAS - Equipe Técnica de Assessoria, Pesquisa e Ação Social. Recife, 1994.

SOUZA, Ney. **Contexto e Desenvolvimento Histórico do Concílio Vaticano II.** Regista Teologia e Cultura / Journal of. Theology & Culture. São Paulo. Edição nº 02 – out / nov / dez 2005. Acesso em 05.07.2019. <<https://ciberteologia.com.br/.../pdf/.../contexto-e-desenvolvimento->>.

SILVA, Neide. **Retrato do Morro. O Morro da Conceição e seus moradores.** ETAPAS – Equipe Técnica de Assessoria, Pesquisa e Ação Social, Recife, 1993.

VELOSO, Reginaldo. **Um Movimento de Crianças.** Editora Vozes. Rio de Janeiro, 1985.

VELOSO, Reginaldo. **Série Crianças em Movimento 2.** Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1982.

VIVEIROS. Kilma Fernanda Moreira de. **A criança Negra no Maranhão: Uma leitura a partir da infância Afro-descendente no Brasil.** 2006. Acesso em 14.02.2019 <www.sbhe.org.br/.../Kilza%20Fernanda%20Moreira%20de%20Viv

Política de Proteção à Criança e ao Adolescente na Cidade . JUNIOR, Ademir Vilaronga Rios Junior; PADILHA, Miriam Damasceno. **Departamento de Serviço Social .UFPE. Recife, 2019.** Acesso em 19.12.2019 < www.cchla.ufrn.br > pgs > anais > Artigos REVISADOS.

ANEXO 01

Revista de História Bilros. História(s), Sociedade(s) e Cultura(s). Políticas de Seção

Regras Gerais

- 1) Os textos, excetuando-se os da secção outras histórias, devem ser submetidos pelo sistema online em arquivos de documento Word (97-2003) e uma cópia enviada para o e-mail da revista.
- 2) Os textos devem obedecer a um padrão textual coeso e estrutural obedecendo à ordem de introdução, desenvolvimento e conclusão, a fim de explicitar adequadamente os objetivos do texto ora proposto
- 3) **Tamanho do papel: A4**
- 4) **Margens: Esquerda e superior: 3cm; Direita e inferior: 2cm;**
- 5) **Alinhamento: justificado;**
- 6) **Fonte do texto: Times New Roman, tamanho 12;**
- 7) **Espaço entre linhas: 1,5;**
- 8) **Recuo de parágrafo: 2 cm à margem esquerda;**
- 9) As imagens utilizadas devem ser inseridas no corpo do texto, contendo as referências necessárias (legenda explicativa e fonte - autor, acervo, data, nome da publicação), inseridas logo abaixo da imagem em fonte de corpo 10, espaço simples e centralizado. A permissão para a publicação das imagens é de inteira responsabilidade do(s) autor(es).
- 10) Citações de até 3 linhas: devem vir inseridas no texto entre aspas e seguidas pelas devidas referências;
- 11) Citações com mais de 3 linhas: devem vir destacadas do corpo de texto com a fonte Times New Roman, corpo 10, espaço simples, justificado, recuo de 4 cm da margem esquerda;
- 12) As notas de rodapé devem se resumir a notas explicativas, ordenadas sequencialmente em números arábicos e obedecendo à seguinte formatação: fonte Times New Roman, corpo 10, espaço entre linhas simples e alinhamento justificado.
- 13) A reprodução direta ou indireta de informações expressas por outros autores (citações) deve obedecer ao sistema autor-data, seguindo as normas da ABNT.
a) ex.: (PESAVENTO, 2001, p. 130).
- 14) As referências bibliográficas deverão estar ao final do texto e de acordo com a padronização ABNT: